

# Uma princesa de cabelo black power luta contra o racismo, por Eliane Trindade

*(Folha de S.Paulo, 06/05/2014)* “Caro Fausto Silva, nosso cabelo não é vassoura. Não é bombril. Não é ruim nem o secamos numa ventania.” Do alto de seu 1,81 m alongados pela cabeleira black power, a promotora de eventos Tati Braga respondeu assim, em seu perfil no Facebook, ao apresentador da Globo.

Diante de reações como essa nas redes sociais, Faustão foi forçado a se explicar sobre seu comentário em relação ao visual “vassoura de bruxa” de Arielle Macedo, dançarina da funkeira Anitta, feito em 20 de abril.

Era o início de uma polêmica que correu em paralelo a outra, também midiática, sobre racismo: o jogador Daniel Alves comendo uma banana em resposta ao gesto ofensivo de um torcedor em partida do Campeonato Espanhol, seguida da controversa campanha #somostodosmacacos.

Nesse meio de campo minado, a jovem de classe média alta e moradora de Higienópolis, bairro nobre de SP, dá uma banana para a chapinha (e todas as formas de alisamentos), ao assumir os fios naturalmente crespos. Um gesto de afirmação de sua identidade negra.

A “brincadeira”, como justificou o apresentador em rede nacional, é do mesmo tipo que Tati encara vida afora, em ambientes tão díspares quanto a escola da filha e os salões sofisticados onde circula com o marido, o italiano Diego Tomassini, responsável pela representação brasileira do Ministério do Meio Ambiente da Itália e diretor do Departamento de Relações Internacionais e Comércio Exterior da Fiesp (Federação das Indústrias de SP).

## **EM PRIMEIRA PESSOA**

A seguir, o relato em primeira pessoa de uma mulher negra de 27 anos, nove

deles desfilando pela vida com uma “coroa que lembra cotidianamente suas raízes, tão fortes quanto o orgulho de ser negra”:

“Eu costumo dizer que sou da época pré-chapinha. Assumir meu cabelo foi um processo complicadíssimo. Até os 18 anos, fazia todos aqueles alisamentos químicos e passava horas no cabeleireiro esticando os fios na escova.

Desde criança, aprendemos que nosso cabelo é feio. Me falavam: ‘Você tem que abaixar, domar a juba’. Sofria bullying, que ainda não tinha esse nome. Na escola era sempre aquela coisa: ‘Seu cabelo é ruim’.

Quando me olhava no espelho, via outra pessoa. Como no filme ‘Preciosa’, no qual a protagonista se imaginava loura, branca e magra. O seu oposto. Eu sonhava em ser Paqueta. Como elas eram todas loiras, queria pintar meu cabelo de amarelo. É a negação do que você é.

Passei a cultivar os meus cachos quando descobri pela internet um coletivo do Rio de Janeiro chamado Meninas Black Power. Elas fazem um trabalho de empoderamento com garotas negras e vão às escolas para captar meninas de 10, 11 anos que já começam a alisar, para dizer que elas podem ser lindas com seus fios cacheados.

## **PRINCESA ANGOLANA**

Se nós negras não começarmos a nos gostar e achar nosso cabelo lindo, ninguém vai fazer isso.

Eu ensino isso para meus três filhos. Ana tem cinco anos, e o cabelo no meio das costas, todo ondulado. Outra dia, numa festa da escola, falaram pra ela que não havia nenhuma princesa com o cabelo ruim como o dela. Ela chegou em casa dizendo que queria cortar os cachos. Falei que eles eram lindos e quem tem de gostar é ela.

No dia seguinte, Ana foi pra escola novamente com o cabelo solto e, quando falaram de novo, ela respondeu: ‘Eu sou uma princesa angolana’. Ela é bem clarinha e tem cabelo meio lourinho, mas se assumiu.

A forma como eu lido com o meu cabelo é um exemplo pra ela. É aquela

coisa, vou ao salão fazer a unha e o cabeleireiro vem enlouquecido: ‘Tem uma escova divina, que vai te deixar com um cabelo lindo’. Digo: ‘Não, obrigada. Gosto assim, quanto mais volume melhor’.

De um outro, ouvi: ‘Você viu os cachos comportados da Taís Araújo?’ Eu respondo: ‘Você quer dizer do aplique dela’. Na época de ‘Cobras e Lagartos’, a atriz fez uma química para aparecer loura e o cabelo dela caiu. Ela usou turbante quase a novela toda. No final, apareceu com o cabelo curtinho e cacheadinho. Aconteceu o mesmo com Naomi Campbell, que foi ficando careca e hoje usa peruca.

## **EM TERRA ESTRANHA**

Eu sou a única negra do meu prédio na avenida Higienópolis. Logo que mudei, tinha que me identificar sempre na portaria. Até que um dia, eu repliquei: ‘Não precisa avisar para eu subir para minha casa’. No elevador, uma vizinha já me ofereceu emprego: ‘Estou precisando de uma mocinha lá em casa’. É aquela coisa de eu só poder entrar naquele tipo de prédio onde moro como funcionária.

Quando nós reclamamos de situações como essas dizem que entendemos errado. As pessoas não percebem que são racistas nem se assumem como tal.

## **SALADA RACIAL**

Minha família é uma salada. Por parte de pai, minha avó era descendente de italianos. Minha bisavó materna era escrava reprodutora, que teve 20 e tantos filhos e fugiu para um quilombo.

De lá, ela veio para São Paulo, onde nasceu minha avó, que se casou com um homem branco, descendente do dono da minha trisavó.

Por isso, tenho a pele e olhos mais claros. As filhas da minha avó são todas brancas, enquanto os filhos, todos negros. Quando saía com as meninas pensavam que ela fosse a babá. Recentemente, estava com os meus filhos na praça Buenos Aires, aqui no bairro, e acharam o mesmo. Ao responder que sou a mãe, já ouvi absurdos: ‘Que sorte seus filhos terem saído clarinhos’. É muito cruel.

Trocar essas experiências na internet vai nos fortalecendo. É aquele sentimento: ‘Não estou sozinha’. Achei a minha turma. Temos também as Blogueiras Negras, o portal Geledés, do Instituto da Mulher Negra. Hoje, é possível encontrar vídeos com tutoriais de como tratar o nosso cabelo em casa. Outros ensinam a fazer turbante.

## **ATO POLÍTICO**

Daniel Alves pegar a banana e comer em campo é um ato de resistência. Quando alguém te chama de macaco, ou você vira e dá um tapa na cara ou ignora. É como se ele tivesse dado um tapa na cara da torcida racista.

O problema é não ter o mesmo alvoroço quando houve um caso de racismo com um árbitro no Rio Grande do Sul. Nem quando chamaram Joaquim Barbosa de macaco pelo Twitter. E olha que o cara é o presidente do Supremo Tribunal Federal.

Por isso, a militância deve ser cotidiana. Muitas meninas negras ainda não entendem que assumir o cabelo ‘vassoura de bruxa’ é também um ato político e um modo simbólico de dizer: ‘Eu existo e vocês vão ter que me encarar’. Pela minha experiência, aceita que dói menos.”

## **ALÉM DO INSTAGRAM**

Coordenadora do projeto Imprensa e Racismo da Andi (Agência Nacional dos Direitos da Infância), a jornalista Maria Carolina Trevisan também foi instigada a falar sobre a campanha #somostodosmacacos. Seu comentário no Facebook teve 120 compartilhamentos e foi republicado em sites ligados ao movimento negro.

“O racismo é complexo, está arraigado na nossa cultura e não pode ser resolvido no Instagram”, criticou, diante da enxurrada de fotos de famosos, entre elas dos apresentadores Luciano Huck e Angélica. O casal foi um dos primeiros a apoiar o chamado de Neymar, que postou no seu perfil uma foto com uma banana, ao lado do filho.

O atacante, colega de Dani Alves no Barcelona, desencadeava assim uma campanha publicitária encomendada por seu pai à agência Loducca para

reagir ao preconceito do qual passou a ser vítima nos gramados europeus. O mesmo Neymar que, em 2010, declarara nunca ter sofrido racismo, “até porque eu não sou preto”.

O publicitário Guga Ketzer negou, em entrevista ao site da “Veja”, que o movimento tivesse sido orquestrado. “O Neymar [que está contundido] ia comer [a banana em campo], mas como foi o Dani, maravilha também”, afirmou. E disse que desmerecer o movimento pelo fato de ter uma agência por trás é tão preconceituoso quanto o torcedor que joga a banana. “Por que não pode haver ajuda profissional?”

## **RACISMO MATA**

Em entrevista ao “Altas Horas”, da Globo, Daniel Alves declarou que um detalhe da campanha não o agradou: “Eu não gosto muito do #somostodosmacacos, porque acho que a gente é a evolução disso. Somos humanos e todos iguais. Acho que é isso que devemos defender”.

Carolina Trevisan vê diferenças entre o gesto espontâneo e a adesão a uma campanha sem o devido engajamento. “Uma coisa é Dani Alves comer a banana -pela primeira vez um jogador se manifestava durante uma partida. Outra coisa é nós, brancos, posarmos com a fruta. Se cada um que postou essa imagem se vigiasse para sacar quando o seu próprio racismo aflora, seria um passo.”

A jornalista ressalta que o futebol brasileiro levou 31 anos para aceitar negros em suas equipes. Antes disso, os jogadores tinham que passar pó de arroz para embranquecer a pele e entrar em campo. E conclui: “Se você é branco e quer ter uma atuação legítima, é necessário cuidado, delicadeza, humildade, escuta e, principalmente, muito respeito. Porque o racismo reproduz uma dor enorme. O racismo mata.” E dói, como relata a princesa black power de Higienópolis.

***[Acesse no site de origem: Uma princesa de cabelo black power luta contra o racismo \(Folha de S.Paulo, 06/05/2014\)](#)***

---

# **IstoÉ: Combate ao racismo não pode se restringir ao esporte**

*(IstoÉ, 03/05/2014) Ao comer uma banana jogada por um torcedor espanhol, o jogador brasileiro Daniel Alves desencadeou uma campanha global contra o preconceito racial, mas esse movimento antirracista não pode se restringir ao esporte*

Estádio El Madrigal, 35ª. rodada do Campeonato Espanhol, domingo 27 de abril. Trinta minutos do segundo tempo de Villareal e Barcelona. De repente, cai uma banana na área de escanteio, em direção ao lateral do time catalão, Daniel Alves. Infelizmente, uma cena corriqueira nos estádios europeus. Mas o jogador brasileiro resolve mudar o curso da história e, de vítima, passa a protagonista. Prestes a chutar a bola, ele para, olha, corre para a frente, pega a fruta, descasca e a enfia na boca, de uma vez só. A cena dura apenas seis segundos, mas foi o suficiente. Com esse ato simbólico, o atleta conseguiu criar uma rede de mobilização contra o racismo, iniciada no próprio domingo com Neymar, seu colega de clube, que postou uma foto reproduzindo o gesto no Instagram. A partir daí, pulularam nas redes sociais imagens de personalidades do Brasil e do mundo segurando ou comendo uma banana acompanhadas da hashtag “somos todos macacos”, mais tarde revelada uma campanha de uma agência de publicidade – detalhe que pouco importa, uma vez que o que deve ser combatido é o gesto de intolerância, não uma ideia original e oportuna. Agora, os esforços antirracistas já estão concentrados na Copa do Mundo. A pouco mais de um mês do campeonato, o governo federal anunciou que pretende criar uma campanha contra o preconceito e aproveitar os holofotes do campeonato para discutir o problema. A presidenta Dilma Rousseff também pediu ao papa Francisco que escreva uma carta contra o racismo, a ser lida na abertura do evento. E o chefe da Fifa, Joseph Blatter, declarou que, nas partidas do Mundial, a ordem é tolerância zero contra o menor sinal de preconceito. Mas essa

mobilização não pode ficar restrita às arenas esportivas, até porque o ódio racial, velado ou não, está assentado nas mais diferentes camadas da sociedade. É uma ótima oportunidade de se iniciar um movimento global contra a intolerância.

Na Europa, onde jogadores negros brasileiros, como Daniel Alves e Neymar, relatam ser alvo de racismo há muitos anos, é comum acontecer manifestações racistas e xenófobas. Na França, há grupos de extrema direita que frequentemente realizam manifestações contra imigrantes. O mesmo ocorre na Itália. A ilha de Lampedusa é considerada porta de entrada para estrangeiros entrarem ilegalmente na Europa, e no local já há denúncias de violações contra os direitos humanos. Com o crescimento da imigração também na Espanha, o País está hoje entre os mais racistas e xenófobos do continente. Todas essas ações de intolerância precisam ser banidas.

O racismo se escancara no universo dos esportes porque é um ambiente onde os negros brilham e se sobressaem, em diferentes modalidades - caso do futebol, do atletismo e do basquete, por exemplo. Motivados pela competição, torcidas adversárias usam a cor da pele como ofensa, fruto de um discurso de intolerância que estão acostumados a ouvir fora de campo. “Futebol é representação da cultura coletiva. Nos estádios estão os mesmos desejos e valores compartilhados socialmente. Entre eles, o preconceito”, afirma o sociólogo Maurício Murad, autor do livro “Para Entender: A Violência no Futebol” (Ed. Saraiva). A diferença é que, no meio da torcida, o indivíduo se liberta de algumas amarras e resolve extrapolar as regras sociais. “A multidão propicia esses excessos porque as pessoas se sentem escondidas, o que suscita o lado mais bárbaro e não civilizado.” Isso não significa que o comportamento é generalizado. Ato racistas costumam provocar espanto em parte dos brasileiros, vide a repercussão do que aconteceu com Daniel Alves. Para o historiador Joel Rufino dos Santos, autor de “A Escravidão no Brasil” (Ed. Melhoramentos), as reações contrárias mostram um desejo genuíno em favor da democracia racial. “Mas ela não existe. Enquanto esta reportagem estiver sendo lida, provavelmente um negro estará sofrendo algum tipo de preconceito”, diz.

Apesar de a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

(Seppir), órgão ligado à Presidência da República, registrar um aumento no número de denúncias no Brasil ano após ano (em 2011 foram 219, em 2013, 425), é certo que os casos de intolerância são muito mais numerosos do que as estatísticas reproduzem. Vivemos uma situação de preconceito naturalizado, onde tudo vira piada ou brincadeira. “Se alguém chama um negro de “picolé de asfalto”, soa engraçado, não? Mas não só não tem graça nenhuma, como mostra que a cor da pele é motivo de subordinação. É humilhante”, afirma Giovanni Harvey, secretário-executivo da Seppir. Segundo ele, no Brasil, todos convivem aparentemente bem por causa do que ele chama de racismo cordial. “Um negro pode ser seu vizinho, você cumprimenta, conversa. Mas o jovem com cor de pele mais escura não vai poder namorar sua filha branca.” Num país em que a população negra é maioria, representando 51% dos habitantes e com projeção de chegar a 60% nos próximos anos, o termo certo para caracterizar a situação dos pretos e pardos no País é: desvantagem. Ações como as cotas para negros, por exemplo, louváveis, visam a compensar a desigualdade, não a diminuir o preconceito.

O processo histórico de formação do País tem o componente étnico como elemento estruturante. Palco da mais longa escravidão das Américas, 350 anos, o Brasil “se fez” durante esse período, nas palavras de Joaquim Nabuco (1849-1910): “...Consumiu os lucros na compra de escravos e no luxo da cidade; não edificou escolas, nem igrejas, não construiu pontes... o que fez foi esterilizar o solo pela sua cultura extenuativa, embrutecer os escravos, impedir o desenvolvimento dos municípios...” Continua o político abolicionista: “...essa fábrica de espoliação não podia realizar bem algum, e foi, com efeito, um flagelo que imprimiu na face da sociedade e da terra todos os sinais da decadência prematura...”

Com base nessa perspectiva, não é à toa o baixíssimo número de negros e pardos que atingem cargos de grande representatividade até os dias de hoje. E no futebol não é diferente. Mesmo com muitos jogadores negros, cargos de presidentes de confederações, dirigentes de clubes e técnicos continuam sendo ocupados, na maioria das vezes, por brancos. E quando conseguem atingir posições mais altas, acabam sendo humilhados por causa da cor da pele. “Tenho relatos de treinadores negros que ouviam dos presidentes dos



clubes que seriam demitidos por sua cor”, afirma o historiador da Universidade de São Paulo Marcel Diego Tonini, autor de pesquisa sobre a presença do negro no futebol. O mesmo acontece em outras posições de visibilidade. Um dos relatos mais recentes é o do árbitro Márcio Chagas, 37 anos, que foi chamado de macaco enquanto apitava um jogo entre Esportivo e Veranópolis, no Campeonato Gaúcho, em março deste ano. “Teu lugar é na selva” e “volta para o circo” foram outras ofensas que Chagas ouviu na partida. Não bastasse isso, torcedores do Esportivo deixaram bananas no carro do árbitro. “Em 15 anos de trabalho, já passei por situações parecidas, mas essa foi a mais violenta”, diz ele. O baque foi tão grande que a primeira decisão foi abandonar a profissão. Mas Chagas decidiu apitar até o fim do campeonato e pelo quarto ano consecutivo foi eleito o melhor árbitro. “Senti muita aflição em relação à carreira. Poderia seguir por mais oito anos na minha função, mas decidi antecipar minha aposentadoria”, diz ele, que deixou os campos.

**Para Chagas, a punição contra o Esportivo foi muito branda. O clube perdeu cinco mandos de campo e teve multa de R\$ 30 mil. Depois, ainda perdeu nove pontos e foi rebaixado. “Os dirigentes poderiam ter localizado os torcedores que colocaram as bananas no meu carro, mas foram omissos”, afirma. Para os especialistas, é preciso estabelecer sanções mais duras e padronizadas. “Falta atitude. Fifa, Uefa e CBF podem fazer muito mais do que levar uma faixa para o campo onde se lê “diga não ao racismo””, afirma o pesquisador Marcel Tonini. Talvez seguir o exemplo da NBA, a liga de basquete americana, que aplicou uma multa de US\$ 2,5 milhões (R\$ 5,6 milhões) ao dono do time Los Angeles Clippers, Donald Sterling, e o baniu do esporte após o vazamento de uma conversa com a namorada em que ele pede para não divulgar fotos ao lado de negros. Uma situação tão grave que o negro Barack Obama, presidente dos Estados Unidos, se manifestou. “Quando um ignorante fala para demonstrar a sua ignorância, não devemos fazemos nada, só deixá-lo falar”, afirmou o líder do governo norte-americano.**

O responsável por atirar a banana em Daniel Alves foi identificado e preso. Ele se chama David Campayo Lleo e tem 26 anos. Foi banido do estádio do Villarreal, detido, e, se for condenado pela Justiça, ficará preso por até três anos. Caso um ato como o de Campayo Lleo se repita no Mundial do Brasil, a Fifa não tem nada especificado em relação às punições. Afirma somente que sua postura segue o que está escrito no Artigo 3 do estatuto da organização, que fala somente em “suspensão ou expulsão”, sem estipular períodos nem

valores de multa. Além disso, afirma que “as quartas de final da Copa serão novamente dedicadas à luta contra a discriminação”. Soma-se a isso o texto do papa Francisco. “Mas isso é só discurso. Não acho que terá impacto real”, afirma o historiador Joel Rufino dos Santos. “Precisamos ter ações práticas. Acredito mais no poder do professor do que no do papa.”

De fato, a educação tem um papel essencial para caminharmos rumo ao fim do racismo. A mudança de mentalidade fora de campo naturalmente vai se manifestar durante os jogos, e quem sabe esportistas ou não, os negros passarão por menos situações humilhantes. “Desde que nasce, a criança convive com ideologias racistas e práticas discriminatórias. Estabelecer o diálogo cedo permitirá que ela desenvolva um olhar que valoriza a diversidade”, afirma a educadora Eliane Cavalleiro, autora do livro “Racismo e Antirracismo na Educação (Ed. Selo Negro)”. O Ministério da Educação disponibiliza desde 2005 material didático voltado para o combate ao preconceito racial em sala de aula. Mas, segundo Eliane, o primeiro passo é o professor pensar em suas próprias atitudes: “Não adianta ter o discurso contra o preconceito só dentro da classe.” Para o professor de direito da Universidade de Washington Jeremi Duru, que está no Brasil levantando dados para a pesquisa “A Inclusão Social de Negros pelo Esporte”, o esforço de tentar solucionar a chaga do racismo também pode ser pensado de dentro para fora. Segundo ele, se as manifestações de intolerância diminuïrem nas arenas esportivas, as boas práticas de respeito podem se repetir além das quatro linhas. “Muitas vezes, a sociedade segue para onde o esporte aponta. Portanto, se pudermos erradicar o racismo no esporte, nós estaremos mais bem equipados para resolvê-lo na sociedade.” A Copa do Mundo é uma ótima oportunidade para esse bom combate.

***Acesse o PDF: [Racismo não \(Isto É, 03/05/2014\)](#)***

*[Acesse no site de origem](#)*

---

# Editorial da Folha de S. Paulo: Elegância 1, racismo 0

*(Folha de S.Paulo, 01/05/2014) Racismo nos estádios de futebol recebe resposta inteligente do jogador Daniel Alves, que comeu a banana atirada por um torcedor*

O paradoxo costuma rondar sistemas democráticos. Até que ponto se pode tolerar a intolerância, ser liberal com quem pretende demolir as liberdades, assegurar os direitos dos que não os reconhecem?

Em alguns casos, a dúvida se resolve facilmente. Criminaliza-se a tentativa de derrubar pela força um governo legítimo. Atentados terroristas recebem sanções severas, não importando a fundamentação política que possam ter.

Nos chamados crimes de opinião, todavia, o debate se torna mais complexo. Poucas coisas são mais repugnantes e estúpidas do que o preconceito racial, e têm sido frequentes manifestações desse tipo nos estádios de futebol.

Do Reino Unido ao Peru, do Japão ao Brasil, registram-se atos de insulto a jogadores afrodescendentes por parte de alguns (ou muitos) torcedores que estão prontos a aplaudir o jogador negro ou mulato quando estes fazem gols para seus times de dileção.

Várias iniciativas se tomam para punir os responsáveis. Uma equipe peruana foi condenada a pagar multa (meros US\$ 12 mil) depois de seus torcedores terem emitido gritos de “macaco” para agredir o jogador Tinga, do Cruzeiro. No Brasil, um time gaúcho perdeu nove pontos e foi rebaixado pelo fato de seus fãs terem atirado bananas contra um árbitro.

A questão é saber se punições como essas cumprem um papel determinante, pedagógico e civilizatório, no sentido de modificar a mentalidade do torcedor racista.

A repressão a um sentimento, por mais odioso que seja, não o desarma. Pode-se desencorajar, pela lei, certos comportamentos que o manifestem de forma

explícita. Seu fundo de ressentimento e destrutividade permanece e pode até fermentar, depois de recalçado.

Não poderia ser mais educativa -no que teve de superioridade, humor e indiferença- a reação do brasileiro Daniel Alves, que soberanamente comeu a banana que lhe fora atirada.

Uma agência publicitária tomou daí a inspiração, a pedido do atacante Neymar, também hostilizado nos campos espanhóis, para campanha contra o racismo.

“Somos todos macacos”, diz o slogan, obtendo a adesão de inúmeras celebridades. Torna-se moda, nas redes sociais, divulgar fotos com a fruta em mãos; o insulto se neutraliza, o agressor se desconcerta, o símbolo inverte o sentido.

É no campo das formas de expressão que o embate se leva a efeito. Gesto contra gesto, solidariedade contra particularismo, ironia contra estupidez: ainda que essa luta jamais tenha fim, é bom que seu lado mais inteligente tenha, também, as armas mais inteligentes a seu dispor.

**Acesse o PDF:** [Elegância 1, racismo 0 \(Folha de S.Paulo, 01/05/2014\)](#)

[Acesse no site de origem](#)

---

# **Campanha publicitária contra o racismo gera polêmica na internet**

**(O Estado de S.Paulo, 30/04/2014)** Críticos dizem que #somostodosmacacos dá cheque em branco para os preconceituosos

Se por um lado o gesto de Daniel Alves de comer uma banana atirada em sua direção no jogo entre Villarreal e Barcelona recebeu elogios em todas as partes do planeta, por outro a criação da hashtag #somostodosmacacos gera polêmica. Criado pela agência de publicidade Loducca, a pedido de Neymar, o conceito tinha a intenção de tirar o peso preconceituoso da palavra “macaco”, mas teve muita gente que achou que o tiro saiu pela culatra.

Segundo Amir Somoggi, consultor de marketing e gestão esportiva, a criação poderia ter sido mais inteligente. “Essa campanha está dando um cheque em branco para os racistas chamarem de macaco quem eles quiserem. Estava tudo armado esperando que alguém jogasse uma banana. Aí eles aproveitaram para comercializar o racismo e trataram como se fosse um sabonete ou um desodorante”, diz ele. “O racismo não é um produto de prateleira ou de gôndola. Ele tem de ser enfrentado de frente, como fez o Villarreal. Foi o único que tratou de forma rígida e dura.”

O Villarreal identificou e baniu para sempre de seus jogos o torcedor que atirou a banana no gramado do Estádio El Madrigal. Somoggi aprova a ação de Daniel Alves, mas insiste que a criação do conceito foi infeliz. “Foi usado um termo extremamente pejorativo e as pessoas negras estão incomodadas. É como se falasse: ‘Dei de ombros, o racismo não me atinge’. Mas todos que foram atingidos sabem o quanto dói. Acho que perdemos uma grande chance de trabalhar fortemente uma campanha que não fosse superficial.”

Guga Ketzer, sócio e vice-presidente de criação da Loducca, explica que não se trata de uma campanha publicitária, mas um movimento para debater uma ideia levada à agência por Neymar. “A ideia é tirar o preconceito da palavra. Se os caras estão te chamando de macaco e isso não ofende mais, eles param de chamar. Buscamos um ato leve e que nos fez pensar. Tratamos até com um certo humor, que é a cara do Neymar.”

Ele garante que a intenção não é vender nada. Só que, no embalo do conceito, outra polêmica surgiu com o lançamento de uma camiseta se apropriando do assunto. O apresentador Luciano Huck, que tem uma grife vendida pela internet, fez um material com a hashtag, a imagem de uma banana e os dizeres “respeito” e “somos iguais”. Muita gente viu o gesto como uma forma de oportunismo.

**Acesse o PDF:** [Campanha publicitária contra o racismo gera polêmica na internet \(O Estado de S.Paulo, 30/04/2014\)](#)

---

# Para ministra, frase de Neymar contra racismo pode reforçar estereótipo

**(G1/Brasil, 28/04/2014)** Luiza Bairros, no entanto, elogiou atitude de Daniel Alves ao comer banana. Expressão ‘#somostodosmacacos’ se espalhou na rede em apoio ao atleta

Embora tenha surgido da boa intenção de combater o racismo, a campanha lançada pelo jogador Neymar espalhando a frase “#somostodosmacacos” pelas redes sociais pode ter o efeito contrário, de reforçar um estereótipo negativo historicamente associado ao negro. A opinião é da ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Luiza Bairros, que expressou ao G1 reservas em relação ao novo viral surgido na internet.

“Essa imagem do macaco associada à pessoa negra é uma imagem muito poderosa. E se você assume essa imagem como válida, corre o risco também de reforçar o estereótipo. Eu entendo a campanha e a motivação da campanha, mas não é possível assegurar que ela tenha o sucesso necessário para reverter a representação negativa que a palavra ‘macaco’ tem quando associada à pessoa negra”, afirmou Bairros.

Embora reconheça que a frase remeta à ideia de que “todos são iguais” – como disse o próprio Neymar –, Bairros sustenta que “ela não consegue ser mais poderosa do que o significado original. “Eu reconheço a boa intenção, mas essa imagem é uma imagem poderosa demais. Vai ter que trabalhá-la mais para poder desconstruí-la”, disse.

A campanha espontânea surgiu após o jogador Daniel Alves, do Barcelona, comer uma banana atirada por um torcedor durante uma partida contra o Villareal, pelo campeonato espanhol. A expressão “#somostodosmacacos” passou rapidamente a ser reproduzida nas redes por famosos, anônimos, crianças e estrangeiros ao lado de uma foto comendo banana.

O próprio Daniel Alves aderiu, postando: “Meu Brasil Brasileiro, Verde, amarelo, preto, branco e vermelho. Somos um povo alegre com samba no pé, e é com alegria e ousadia que a gente tem que se manifestar. Olha a banana, olha o bananeiro... sou baiano, sou brasileiro... estamos mais fortes do que nunca, o sorriso é a nossa proteção, a musica é a nossa espada”.

Apesar das reservas à frase, Luiza Bairros considera que Daniel Alves teve uma atitude positiva na reação ao torcedor que atirou a banana, já identificado e banido pelo Villareal.

“Com seu gesto, ele esvaziou a atitude discriminatória da torcida naquele momento. Como uma resposta, para o momento, foi perfeita. É uma forma que você tem de utilizar o ‘bom humor’, entre aspas, para ridicularizar a atitude racista”, disse.

## **Nova campanha**

Ao G1, a ministra também adiantou que está em discussão no governo uma campanha antirracismo a ser lançada na Copa. Embora não tenha detalhado o formato e mote, disse que a mensagem deve reforçar o valor da diversidade.

“Para nós da Seppir o importante é o fato de que a diversidade racial tem sido um elemento determinante da excelência do futebol, em qualquer canto em que ele seja jogado e principalmente aqui no Brasil. Essa ideia de que a diversidade produz excelência no futebol tem que ser espalhada para o conjunto da sociedade e para qualquer outro setor de atividade”, disse.

Outra ação que pode ser lançada ainda antes da Copa, segundo Bairros, é um serviço de “disque-denúncia”, semelhante ao Disque 100, para relatar abusos a direitos humanos, especificamente para combater atos de racismo.

Segundo a ministra, a Seppir já entrou em contato com órgãos nos estados, como defensorias, Ministério Público, delegacias e ONGs para formar uma rede de atendimento. A ideia é que a partir de um ato discriminatório, a pessoa vítima de racismo seja orientada a acionar uma dessas entidades para denunciar o crime.

***Acesse no site de origem:*** [Para ministra, frase de Neymar contra racismo pode reforçar estereótipo \(G1/Brasil, 28/04/2014\)](#)

---

## **“Somos todos macacos? Não, somos racistas”, diz professora da UnB**

*(Correio Braziliense, 28/04/2014) Para Renísia Garcia, essas questões são recorrentes tanto na Europa como no Brasil e devem se repetir*

A professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB) Renísia Cristina Garcia não concorda com a ideia do jogador Neymar, ao lançar a hashtag #somostodosmacacos. Renísia, que também é coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) acredita que existem várias formas de “jogar banana” para as pessoas. A campanha surgiu na internet depois que o jogador Daniel Alves comeu uma banana atirada por torcedores em campo na Espanha.

“Eu daria um recado ao Neymar: somos todos macacos? Não, somos todos racistas”, disse a professora. A #somostodosmacacos ganhou a rede e adesão de celebridades, que postaram fotos em apoio a Daniel.

Para a educadora, a atitude do lateral-direito Daniel Alves resolve apenas parte do problema racial. A situação é recorrente, não só na Europa como no Brasil. “Seria mais interessante se tivéssemos uma conscientização sobre



onde nós guardamos o nosso racismo. No nosso cotidiano no Brasil temos várias manifestações racistas”, explica Renísia.

Já o titular da Secretaria Especial da Promoção da Igualdade Racial do DF (Sepir-DF), [Viridiano Custódio segue a linha de que a campanha #somostodosmacacos reforça estereótipo que o movimento negro brasileiro tenta combater há anos.](#)

[A presidente Dilma Rousseff elogiou o jogador Daniel Alves](#) e disse que a resposta - comendo a banana - foi ousada e forte. Além disso, deu total apoio a Neymar: “Ele lançou a campanha #somostodosmacacos para mostrar que temos todos a mesma origem e que nada nos difere, a não ser nossa tolerância com o outro”, disse Dilma.

***[Acesse o PDF: “Somos todos macacos? Não, somos racistas”, diz professora de estudos Afro \(Correio Braziliense, 28/04/2014\)](#)***